

Mistérios do Tanakh Moshé e o Monte Santo Por Sha'ul Bensiyon

I - Introdução

A história de Moshé (Moisés) e de como o monoteísmo nacional foi instituído em Israel é uma das mais conhecidas. Já foi, inclusive, tema de filmes, desenhos e novelas.

Mas, e se essa narrativa da Torá trazer uma realidade bastante diferente? E se houver um elemento importantíssimo que tem sido completamente ignorado nas representações sobre ela?

Na verdade, querido leitor, é exatamente isso que acontece. Uma observação mais atenta aos detalhes da Torá revela uma história que, para muitos, é praticamente inédita.

A Torá revela que um outro grande centro monoteísta precedeu, em muito, o monoteísmo de Israel enquanto nação. E revela ainda que, desde os primórdios, não havia somente um local conhecido como o monte do Eterno.

Essa importante revelação também traz à luz mais detalhes sobre o impressionante plano do Eterno para moldar Moshé, e como uma outra nação foi fundamental no processo do estabelecimento de Israel enquanto nação monoteísta.

II - Prelúdio: O Monte Moriyá

O monte Moriyá: Para todos aqueles que fundamentam sua fé no Tanakh (Bíblia Hebraica), esse é o local que ficou conhecido como “o monte do Eterno”, inspirando salmos, poemas, orações e canções.

Sua identificação como “o monte do Eterno” é muito anterior à escolha de Yerushalayim (Jerusalém) como a capital nacional de Israel, durante o reinado de Dawid (Davi).

Já nos tempos dos Patriarcas, a Torá dizia:

*“E chamou Abraham o nome daquele lugar: ADONAY provera; donde se diz até ao dia de hoje: No monte de ADONAY [בְּהַר יְהוָה - behar ADONAY] se provera.”
(Bereshit/Gênesis 22:14)*

O texto se refere ao episódio em que Abraham foi testado pelo Eterno, que lhe solicita oferecer seu filho Yis'haq (Isaque) em sacrifício.

Desde aquela época, e por causa desse episódio, para a família de Abraham

“Até o dia de hoje” se refere ao momento em que o livro de Bereshit (Gênesis) foi escrito, isto é, aos tempos de Moshé (Moisés).

Desde os tempos da provação de Abraham, sua família e demais membros de sua casa já nutriam a ideia de que daquele local o Eterno ordenaria provisão.

Seria apenas natural que, futuramente, fosse escolhido pelo Eterno para ali estabelecer o seu Templo, cuja função estaria associada justamente a esse conceito provedor.

III - Uma Questão Familiar

A esposa de Abraham, Sará, morre pouco depois desse episódio. Abraham, contudo, ainda teria outros filhos com Qeturá, sua concubina. Observe atentamente o texto abaixo:

“E Abraão tomou outra mulher; e o seu nome era Qeturá; E deu-lhe à luz Zimran, Yoqshan, Medan, Midyan, Yishbaq e Shuah... Mas aos filhos das concubinas que Abraham tinha, deu Abraham presentes e, vivendo ele ainda, despediu-os do seu filho Yis’haq, enviando-os ao oriente, para a terra oriental.” (Bereshit/Gênesis 25:1-2,6)

Repare que Abraham toma o cuidado de enviar seus filhos para longe de Yis’haq (Isaque), que viria a herdar a terra de Canaã.

Esse cuidado provavelmente ocorreu para que seus descendentes não viessem a brigar entre si pela posse dessa terra, que já havia sido prometida ao filho de Sará.

Mas, isso geraria uma questão. Sua família já estava habituada a buscar a presença do Eterno num monte.

Talvez o monte Moriyá em si não necessariamente trouxesse o mesmo tipo de simbolismo especial àqueles que presenciaram a provação, mas certamente a prática estava arraigada na cultura de sua família.

IV - Entre a Família e a Cultura Semita

O próprio Abraham, quando tem uma experiência com o Eterno, ouve dEle o seguinte:

“Sendo, pois, Abram da idade de noventa e nove anos, apareceu ADONAY a Abram, e disse-lhe: Eu sou o El Shaday, anda em minha presença e sê perfeito.” (Bereshit/Gênesis 17:1)

A apresentação como El Shaday não é por acaso. O termo significa literalmente “a Autoridade das Montanhas” ou “o Poderoso das Montanhas”.

O comentário da Bíblia de Estudos da Jewish Publication Society a

“...originalmente significava ‘Deus, Aquele da Montanha’ e assim teria expressado a associação de uma divindade com a sua habitação na montanha, algo bem comum na literatura cananéia (vide “o SENHOR, Aquele do Sinai” em Jz. 5:5).” (NJPS Study Bible - Comentário de Gn. 17:1)

Na cultura semita, a adoração nos montes era uma realidade bem presente. Por serem os pontos mais altos da terra, e também frequentemente lugares de onde surgiam rios e vegetações, eram entendidos como lugares de habitação das divindades.

Não será objeto deste estudo se aprofundar nisso. Por hora, é suficiente tomar contato com essa informação.

E isso é importante porque indica que a família de Abraham e sua descendência, mesmo sendo monoteísta, e assim divergindo dos demais povos da região, ainda carregaria a mesma necessidade cultural de adorar o Eterno num momento.

Todavia, a Torá nos informa que Abraham teve o cuidado de enviar seus descendentes para longe de Yis'haq e de sua herança. Isso significa que eles estariam longe do monte Moriyá, onde originalmente adoravam ao Eterno.

É apenas natural e esperado que esses descendentes encontrassem outros lugares para estabelecerem sua adoração. Até porque a Torá jamais proibiu isso de ocorrer.

Mesmo para Israel, que concentrou sua adoração no monte Moriyá, a proibição de um outro local de culto foi bem posterior a essa época. E, como dito, a proibição aos israelitas, que tem boas razões para ter sido feita em prol da união nacional, não afeta outros povos, que permaneciam livres para adorarem onde desejassem.

V - Para onde foi Moshé?

Para compreender melhor a questão, porém, é necessário olharmos para a vida de Moshé. Quando atingiu a idade adulta, precisou fugir do Egito por ter ferido um egípcio que oprimia um Israelita. A Torá

*“Ouvindo, pois, Faraó este caso, procurou matar a Moshé; mas Moshé fugiu de diante da face de Faraó, e habitou na terra de Midyan, e assentou-se junto a um poço.”
(Shemot/Êxodo 2:15)*

Sobre esses acontecimentos, o rabino Moshe Shamah escreve:

“Historiadores determinaram que a educação de um menino da alta sociedade no Egito antigo durava aproximadamente doze anos, começando em tenra idade, e era levada a sério, ocupando uma parte significativa do dia... Sua saída do Egito, aparentemente tendo ocorrido pouco tempo depois dos episódios descritos, tem geralmente sido entendida como sendo quando ele era um adolescente mais velho.” (R. Moshe Shamah, Parashat Shemot - Part I)

Em outras palavras, Moshé estava no final da adolescência, já tendo atingido a maioridade (Ex. 2:11), mas ainda sendo muito jovem.

Muita gente acha que Moshé teria saído vagando sem rumo, até encontrar o território dos midianitas. Isso seria pouco provável dado o nível de instrução dele.

Outros pensam que o Eterno o conduziu de maneira sobrenatural. Porém, a Torá nada diz a esse respeito.

A pergunta que surge é inevitável: Se Moshé sabia que era israelita, por que não procurou ajuda em Canaã?

A resposta para isso pode ser entendida num achado arqueológico, que revela que os povos cananeus da época eram vassalos do Egito.

Quando da conquista da terra da promessa, sob o comando de Yehoshua` (Josué), um líder tribal chamado Abdi-Heba escreve o seguinte ao faraó:

“Por que não ouves o meu pedido de ajuda? Todos os governantes estão perdidos. O rei, meu senhor, não tem mais um único governante remanescente! Que o rei envie tropas e arqueiros, ou o rei não terá mais nenhuma terra. Todas as terras do rei estão sendo saqueadas pelos hebreus” (Carta de El-Amarna 286)

Se as terras dos cananeus eram subordinadas ao Egito, então faz pleno sentido que Moshé não buscasse abrigo entre eles.

Para onde, então, faria sentido que Moshé fosse, senão para as terras dos parentes dos israelitas. E é exatamente o que ele fez, indo habitar na terra de Midiã!

Por que Midiã, dentre todos os demais descendentes de Abraham? A resposta também é dada pela arqueologia.

Sabe-se que, a essa época, Midiã já havia sobrepujado o domínio egípcio, tornando-se independente. E Midiã era hostil aos egípcios. Em sendo assim, não haveria lugar melhor.

Como se pode perceber, os planos de Moshé não tinham nada de aleatório. Nem mesmo os do Eterno, como veremos mais adiante.

VI - Yitrô, um sacerdote do Eterno

Logo em seguida à narrativa da fuga de Moshé, somos apresentados a outra figura bastante importante: Yitrô (Jetro), que viria a ser seu sogro. Observe o que diz a Torá sobre ele:

*“E o sacerdote (ul'kohen - וְלִכְהֵן) de Midyan tinha sete filhas, as quais vieram tirar água, e encheram os bebedouros, para dar de beber ao rebanho de seu pai.”
(Shemot/Êxodo 2:16)*

Yitrô era um *kohen*, isto é, um sacerdote, fato esse que a Torá traz sob uma ótica positiva, o que indica que certamente ele era um sacerdote do Eterno.

E se na região havia um sacerdote monoteísta, Moshé portanto não teria ido a um lugar aleatório, mas sim a um lugar no qual ele poderia buscar o Criador, e aprender mais sobre ele!

“E Moshé consentiu em morar com aquele homem; e ele deu a Moshé sua filha Siporá.” (Shemot/Êxodo 2:21)

O fato de Moshé ter se casado com Siporá é bastante pertinente. Desde os tempos de Abraham, seus descendentes procuravam se casar com pessoas conhecidas, da mesma parentela.

Sobre isso, o rabino Moshe Shamah afirma:

“Assim, através de seu casamento, Moisés se conectou com aquele aspecto da tradição que derivava do patriarca de Israel através de outro canal...”

O fato de Moisés ter concordado em viver com o sacerdote de Midiã (Jetro) e ter se casado com sua filha certamente indica que aquele sacerdote era um homem notável em sua observância e prática religiosa.” (Parashat Shemot - Part I)

Tanto o reconhecimento do Moshé sobre a descendência de Yitrô, e o desse último para com aquele que ajudara sua filha indicam que havia uma preocupação com o legado deixado por Abraham.

Em outras palavras, mesmo com Israel ainda não tendo se constituído enquanto nação, o monoteísmo já havia se tornada uma questão relevante o suficiente para ser tomada em consideração.

Sobre esse mesmo fato, o prof. Israel Knohl, da Hebrew University de Jerusalém assim relata sobre o mesmo evento:

“A narrativa bíblica do casamento de Moisés com Sípóra e os filhos que lhes nasceram em Midiã (Ex. 2:21-22, 18:2-5) refletem os laços de casamento criados entre os hebreus que deixaram o Egito e os midianitas que encontraram em seu caminho para Canaã. Alternativamente, é possível que alguns israelitas viveram na mesma área dos midianitas. Creio que tal suposição possa ser apoiada tanto por fontes bíblicas quanto egípcias.” (Hovav the Midianite: Why Was the End of the Story Cut?)

VII - Midiã: Um Polo Monoteísta

Há ainda uma dúvida: Por que Midiã? Felizmente, a arqueologia moderna explica que haveria uma ótima razão.

No mesmo artigo, o prof. Knohl continua, e diz:

Achados arqueológicos indicam que os séculos XIII e XII a.e.c. testemunharam um desabrochar da cultura material no norte da Península da Arábia, e na região de Aravá. A cerâmica especial associada com essa cultura é chamada de “cerâmica midianita”... Essa cerâmica midianita é evidente também na área de Seir - Edom.

Assim parece que os hebreus adotaram a divindade midianita YHW ou YHWH, a quem eles vieram a conhecer em sua estadia na área de Seir - Edom, que é na “terra dos peregrinos de YHW”.

Achados arqueológicos em Timná, norte de Eilat, servem como indício de que era aparentemente comum dentre os midianitas proibirem a representação de uma divindade em forma de estátua. A área tem minas de cobre antigas que estavam no controle do Egito, e um templo para a deusa da mineração egípcia, Hathor.

Na segunda metade do século XII a.e.c., com o enfraquecimento do poder egípcio, os midianitas tomaram o controle da área de Timná, isso é evidenciado pela grande quantidade de cerâmica midianita naquele local.

Um tabernáculo cúltico foi lá encontrado e o escavador, Benno Rhenberg, escreveu que “há razões convincentes para associar esse tabernáculo cúltico aos midianitas.” Ele encontrou, além de cacos de cerâmica, que os midianitas eliminaram todos os traços de idolatria e “transformaram o templo egípcio de Hathor num santuário semita no deserto.” Isso explica, ele escreve, “por que a maior parte das dádivas ao templo foram encontradas numa grande pilha, quebrada e misturada, além das portas do pátio.”

A mutilação dos midianitas ao rosto de Hathor, e o resto dos objetos destruídos encontrados nos penhascos róseos de Timná, reforçam o caso de um Deus compartilhado e zeloso, que declarou do Sinai que “não terás outros deuses diante de Mim.”

Isso torna provável que, juntamente com a crença na divindade YHW, os hebreus adotaram dos midianitas a proibição “Não farás para ti imagem de escultura” (Ex 20:4)” (Hovav the Midianite: Why Was the End of the Story Cut?)

Como se pode perceber, a própria arqueologia confirma que em Midiã havia um polo, uma referência por assim dizer, de monoteísmo. Com seu próprio sacerdócio e tabernáculo!

Embora nem todos os midianitas o fossem, como se percebe na narrativa que envolveu Balaq e Bil'am (Balaão), certamente ali havia uma forte presença da cultura monoteísta.

E essa cultura, nos momentos que antecederam o êxodo do Egito, e num momento imediatamente posterior a ele, influenciou bastante a nação de Israel, que ainda se formava.

E se Midiã era um importante polo monoteísta, ao ponto de ter até mesmo sacerdócio e tabernáculo, e se não apenas refletia a cultura semita como também a tradição familiar herdada de Abraham, então é razoável supor que, a exemplo do que ocorreria mais tarde em Israel, Midiã também tivesse a sua tradição de um monte onde se adoraria o Eterno.

E, de fato, a Torá confirma essa premissa, encaixando-se de forma perfeita com o que sabemos da arqueologia e da história de Midiã.

VIII - O Monte do Eterno

Isso fica mais evidente quando se observa a narrativa do encontro de Moshé com o Eterno:

“E apascentava Moshé o rebanho de Yitrô, seu sogro, sacerdote em Midyan; e levou o rebanho atrás do deserto, e chegou ao monte de Elohim, a Horeb. E apareceu-lhe o mensageiro de ADONAY em uma chama de fogo do meio dum sarça; e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. E Moshé disse: Agora me virarei para lá, e verei esta grande visão, porque a sarça não se queima. E vendo ADONAY que se virava para ver, bradou Elohim a ele do meio da sarça, e disse: Moshé, Moshé. Respondeu ele: Eis-me aqui. E disse: Não te chegues para cá; tira os sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa.” (Shemot/Êxodo 3:1-5)

Muitos supõem, ao ler o texto acima, que Moshé estaria simplesmente pastoreando as ovelhas do sogro na região do Horeb.

Porém, uma observação mais cuidadosa revela outra realidade: Por que justamente nesse trecho a Torá repete que o sogro de Moshé era um sacerdote?

E ainda: Por que o Eterno orienta Moshé a remover seus sapatos e afirma que a terra é santa?

Afinal, em diversas outras visões e mensagens do Eterno, tanto na Torá quanto no restante do Tanakh (Bíblia Hebraica), isso não ocorre, nem há alusão à santidade do local.

Se alguém pensa em santidade no sentido moderno que se dá à palavra, então de fato faz pouco sentido. Porém, quando se entende a santidade no conceito semita de algo especial, diferenciado dos demais, a questão começa a fazer mais sentido.

Dentro da cultura semita de um sacerdócio, esperava-se que um sacerdote oferecesse sacrifícios num local sagrado. E, de fato, Yitrô faz justamente isso, como veremos mais adiante.

Sendo assim, esse não era qualquer rebanho. Certamente Moshé estava conduzindo os animais que seriam oferecidos em sacrifício no próprio monte, sob a supervisão de seu sogro enquanto sacerdote!

O monte Horeb também é chamado de Sinai nas Escrituras. A maioria dos exegetas judeus entende que os dois nomes se referem ou a picos diferentes da mesma cordilheira, ou a partes distintas da própria montanha.

Observe como o monte é chamado noutros trechos da própria Torá:

“Disse ADONAY a Aharon: Vai ao deserto, ao encontro de Moshé. E ele foi, e encontrou-o no monte de Elohim, e beijou-o.” (Shemot/Êxodo 4:27)

“Vindo, pois, Yitrô, o sogro de Moshé, com seus filhos e com sua mulher, a Moshé no deserto, ao monte de Elohim, onde se tinha acampado... Então Yitrô, o sogro de Moshé, tomou holocausto e sacrifícios para Elohim; e veio Aharon, e todos os anciãos de Israel, para comerem pão com o sogro de Moshé diante de Elohim.” (Shemot/Êxodo 18:5,12)

“E levantou-se Moshé com Yehoshua` seu servidor; e subiu Moshé ao monte de Elohim... E a glória de ADONAY repousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu por seis dias; e ao sétimo dia chamou a Moshé do meio da nuvem.” (Shemot/Êxodo 24:13,16)

Observe que, a exemplo do monte Moriyá, o monte Horeb (ou Sinai) também é chamado de “monte do Eterno”.

Isso indica que, de fato, havia um culto sinaítico ao Eterno, estabelecido na região.

Há quem diga que o monte seja chamado de sagrado porque a Torá ali seria dada. Essa interpretação, contudo, não se encaixa bem com a narrativa da Torá, porque parece haver ciência do aspecto sagrado do monte muito antes da Torá ser entregue!

Não apenas isso, mas também há um reconhecimento da posição de Yitrô enquanto sacerdote, pois ele oferece sacrifícios ao Eterno, o que é comido por todos, até mesmo por Aharon (Aarão), que viria a ser o sumo sacerdote de Israel.

Sobre isso, o rabino Moshe Shamah afirma:

“Será que Moisés intencionalmente conduziu as ovelhas à Har HaElohim (“a montanha do Eterno”)? Alguns supõe que [a montanha] recebeu essa designação sagrada como resultado de ser a futura localização da Revelação do Eterno para Israel.

Contudo, essa explicação não se encaixa com o desdobramento da estrutura literária do Livro de Êxodo, pois iria de forma não-usual diminuir o efeito dramático que a narrativa se preocupa em construir. Informaria o leitor da conclusão bem-sucedida da

missão de Moisés antes dela começar, ao passo que a narrativa mantém uma tensão elevada quanto ao que irá acontecer...

Da instrução do Eterno a Moisés para remover suas sandálias porque o local é santo (v. 5), parece que o lugar já é santo.

Em Deuteronômio 33:16, o Eterno é descrito como שֶׁכֵּן בַּסַּרְסָה, Aquele que habita na sarça, aparentemente se referindo à sarça ardente, a localização em que Moisés estava em nossa narrativa. Nenhuma outra sarça é candidata a tal designação. Que o Eterno habita na sarça significa que a sarça é um local investido com Sua santidade.

Subsequentemente à teofania a Moisés na sarça, mas antes da revelação (da Torá), Aarão encontra Moisés em Har HaElohim (Ex. 4:27). Jetro também vai a Har HaElohim para encontrar Moisés (18:5)... Parece provável que o lugar de Har HaElohim era conhecido como possuindo significado religioso antes da interação de Israel com ele, talvez porque fosse um centro espiritual de algum tipo para as tribos nômades da região.

Segundo alguns acadêmicos atuais, durante o segundo milênio a.e.c houve desenvolvimentos entre as tribos nômades naquela região algumas formas de expressão religiosa sem idolatria de fato.

Podemos presumir que Jetro, o sacerdote de Midiã cuja filha Moisés escolhe para se casar e em cuja propriedade ele concorda em viver por um longo período de tempo, era um líder proeminente na região daqueles que estavam desenvolvendo uma expressão não-idólatra de religião...

Êxodo 18:12 relata que Aarão e todos os líderes de Israel comeram da oferta sacrificial de Jetro, indicando que ele possuía orientação espiritual aceitável. Talvez algumas tribos midianitas, derivadas de Abraão (Gn. 25:2), preservaram alguns dos valores que o patriarca tinha conferido a eles para que fossem difundidos no mundo.” (R. Moshe Shamah - Parashat Shemot - Part III)

O comentário está plenamente alinhado com as informações arqueológicas e históricas, que indicam que não apenas Midiã era adversário do Egito, como também um local onde o culto ao Eterno era fortemente praticado, mesmo que não por todos os midianitas.

IX - A Importância Midianita

A importância disso é enorme, pois mostra que a contribuição dos midianitas para a Torá não se resume aos conselhos dados por Yitrô, mas também teria sido aos pés de um midianita que Moshé teria dado seus primeiros passos no monoteísmo, aprendendo o legado que havia sido deixado por Abraham!

Isso também mostra uma continuidade da tradição monoteísta abraâmica, que muitos supõem ter sido interrompida durante o cativeiro no Egito.

A Torá, portanto, não seria teria sido plenamente esquecida para que fosse novamente revelada no Sinai quando Israel estava a seus pés. Havia toda uma tradição que foi preservada.

O Sinai também não foi uma escolha aleatória. Foi a coroação dos esforços empreendidos por aqueles dentre os midianitas que haviam preservado a fé de Abraham!

Ao estabelecer a outorga da Torá no Sinai, o Eterno estaria mostrando àqueles midianitas que ali estavam que, de fato, os planos dEle estariam avançando.

Apesar da descendência de Yis'haq ser a herdeira da promessa de se tornar uma nação-modelo para as demais, a descendência de Midyan também foi honrada através da coroação de seus esforços, pois a maior revelação dada à humanidade teria sido justamente junto ao santuário deles!

Da mesma forma, ao trazer Moshé, Aharon e todos os líderes de Israel comendo de um sacrifício ofertado pelo sogro de Moshé, a Torá está demonstrando o reconhecimento daqueles homens do sacerdócio legítimo de Yitrô, que aqui seria honrado.

X - Primeiro Adendo: O Modelo do Tabernáculo

Um adendo aqui é apresentado para aguçar a curiosidade do leitor, de modo a convidá-lo a melhor investigar as Escrituras. A Torá traz o Eterno dizendo:

“E me farão um Santuário, e habitarei no meio deles. Conforme a tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus pertences, assim mesmo o fareis.” (Shemot/Êxodo 25:8,9)

“Então levantarás o Tabernáculo conforme ao modelo que te foi mostrado no monte.” (Shemot/Êxodo 26:30)

A maioria ao ler as passagens supracitadas parte da premissa de que Moshé teria tido uma visão ao subir no monte Sinai, na qual o Eterno teria a ele revelado todos os pormenores da confecção do Tabernáculo.

Porém, observe que embora seja totalmente plausível assumir esse pressuposto como premissa, isso não é dito explicitamente pela Torá. Isto é, tudo que a Torá nos revela é que o Eterno mostrou o modelo a Moshé.

Mas, a Torá não diz explicitamente que o modelo foi mostrado através de uma visão. Mesmo que essa seja uma leitura válida, certamente não é a única possível.

Sabendo, não apenas pela Torá, mas também pela própria arqueologia histórica, que de fato aquela região era um local sagrado. E sabendo ainda que os midianitas monoteístas ali também tinham armado o seu próprio Tabernáculo, pode-se chegar a outra conclusão.

É plenamente possível que a revelação dado pelo Eterno a Moshé tenha tido como ponto de partida o próprio Tabernáculo midianita!

É possível que, a partir daquela experiência de vivenciar o monoteísmo abraâmico praticado por seu sogro, Moshé tivesse familiaridade com a maneira de adoração estabelecida para um povo.

Teria o Eterno validado junto a Moshé aquilo que ele, Moshé, imaginava que deveria fazer?

Ou teria o Eterno adaptado a prática midianita com a qual Moshé estava familiarizado, levando em conta a viagem que teriam, ou mesmo o número de pessoas envolvidas no ato de adoração?

Ou ainda: Estaria Moshé na própria região do Tabernáculo midianita quando a nuvem de glória o envolveu no cume do Sinai?

Por outro lado: E se o Eterno precisou revelar tudo desde o começo, de forma a corrigir alguma prática equivocada dos midianitas que precisaria ser corrigida?

O tamanho do papel do monoteísmo midianita no modelo do culto israelita, se é que houve, é um grande mistério. Nada mais judaico do que deixar o leitor tirar suas próprias conclusões, a partir de seu estudo individual das Escrituras.

O autor deste artigo se limitará a recomendar que o leitor não seja dogmático, pois até mesmo os grandes exegetas judeus têm várias formas diferentes, ou mesmo divergentes, de compreender a questão.

XI - Segundo Adendo: Hobab

No item VI deste material foi citado um artigo do professor Israel Knohl, que sintetiza o que se sabe hoje, através da arqueologia histórica, acerca de Midiã.

O artigo do prof. Knohl é uma tentativa de responder a um fato curioso na Torá: A ausência de um registro da resposta de Hobab, cunhado de Moshé, a um convite feito para que se juntasse a Israel. Observe:

“Disse então Moshé a Hobab, filho de Reu'el, o midianita, sogro de Moisés: Nós caminhamos para aquele lugar, de que ADONAY disse: Vo-lo darei; vai conosco e te faremos bem; porque ADONAY falou bem sobre Israel. Porém ele lhe disse: Não irei; antes irei à minha terra e à minha parentela. E ele disse: Ora, não nos deixes; porque tu sabes onde devemos acampar no deserto; nos servirás de guia. E será que, vindo tu conosco, e sucedendo o bem que ADONAY nos fizer, também nós te faremos bem. Assim partiram do monte de ADONAY caminho de três dias; e a arca da aliança de ADONAY caminhou diante deles caminho de três dias, para lhes buscar lugar de descanso. E a nuvem de ADONAY ia sobre eles de dia, quando partiam do arraial.” (Números 10:29-34)

Em seu artigo, o prof. Knohl lida com a aparente quebra na narrativa, ocorrida a partir do versículo 33, aqui grafado na cor verde para facilitar a leitura.

Observe que o convite de Moshé fica sem resposta. E por que a Torá em seguida parece mudar de assunto?

A explicação para isso está na motivação dos israelitas. No convite, Moshé deixa transparecer que eles desejavam que Hobab servisse de guia.

Mas, por que, se o Eterno os havia conduzido até aquele momento? Seria até compreensível se Israel, em sua insegurança, desejasse um guia humano.

Mas, o convite parte do próprio Moshé! E a ideia de que o próprio Moshé entendesse que seria bom ter um guia parece estranha. Exceto por uma possível razão.

Que Moshé entendia que o próprio Eterno os conduziria é fato irrefutável, dada a narrativa da Torá.

Porém, agora que o Eterno os havia levado ao monte santo estabelecido pelos midianitas, Moshé poderia supor que a família midianita de sua esposa poderia exercer alguma espécie de ascendência espiritual sobre Israel.

Moshé poderia imaginar que o Eterno planejava que o povo seria conduzido através deles, ou que de alguma forma estivessem envolvidos no processo. E esse é o único cenário no qual o pedido de Moshé parece fazer sentido.

Mas não só isso: O próprio versículo seguinte também parece ir na mesma direção. Repare que a Torá fala da arca da aliança caminhando diante deles. Isso não é por acaso.

Nesse momento, a Torá esclarece que Israel tinha sua própria aliança com o Criador.

Embora os midianitas tenham sido de grande importância para a formação de Moshé, e talvez até mesmo de Aharon, e terem a ele(s) transmitido a tradição do monoteísmo abraâmico, o tempo de aprendizado havia chegado ao fim.

Era natural que Moshé tenha desejado estar perto não apenas de sua família, mas também de seus mentores.

Por essa razão há uma mudança na narrativa. Embora os exegetas muito discutam quanto a se Hobab teria ou não aceitado o convite de Moshé nesse momento, o texto da Torá está brilhantemente mais preocupado com transmitir outra mensagem: A resposta de Hobab é pouco importante.

Não importa se Hobab acompanhou ou não Moshé. Porque a Torá informa que a aliança israelita era independente dos midianitas. Tudo que os monoteístas midianitas poderiam fazer pelos israelitas já havia sido feito. Daquele momento em diante, estaria nas mãos deles serem conduzidos por si próprios.

XII - A Permanência do Monte Santo

Ao ler a narrativa da Torá, seria razoável pensar que, após a saída dos israelitas da região do monte Sinai, este último perderia seu status de monte sagrado.

Porém, a narrativa dos profetas do Tanakh revela outra coisa. Observe a narrativa abaixo, envolvendo o profeta Eliyahu (Elias):

“E Ahab fez saber a Izebel tudo quanto Eliyahu havia feito, e como totalmente matara todos os profetas à espada. Então Izebel mandou um mensageiro a Eliyahu, a dizer-lhe: Assim me façam os deuses, e outro tanto, se de certo amanhã a estas horas não puser a tua vida como a de um deles. O que vendo ele, se levantou e, para escapar com vida, se foi, e chegando a Be'er Sheba, que é de Yehudá., deixou ali o seu servo. Ele, porém, foi

ao deserto, caminho de um dia, e foi sentar-se debaixo de um zimbro; e pediu para si a morte, e disse: Já basta, ó ADONAY; toma agora a minha vida, pois não sou melhor do que meus pais. E deitou-se, e dormiu debaixo do zimbro; e eis que então um anjo o tocou, e lhe disse: Levanta-te, come. E olhou, e eis que à sua cabeceira estava um pão cozido sobre as brasas, e uma botija de água; e comeu, e bebeu, e tornou a deitar-se. E o mensageiro de ADONAY tornou segunda vez, e o tocou, e disse: Levanta-te e come, porque te será muito longo o caminho. Levantou-se, pois, e comeu e bebeu; e com a força daquela comida caminhou quarenta dias e quarenta noites até Horeb, o monte de Elohim... E Elohim lhe disse: Sai para fora, e põe-te neste monte perante ADONAY.” (Melakhim Alef/1 Reis 19:1-8,11)

Repare que após a perseguição de Ahab e Izebel (Acabe e Jezabel), o profeta Eliyahu foge justamente para a região do Horeb, que é chamado na Escritura de “monte de Elohim”.

Não foi à toa que Eliyahu procurou refúgio na região do Horeb. Considerando que é revelado pelo texto, o mais provável é que naquela época ainda havia monoteístas midianitas, que faziam do monte Horeb o seu local sagrado.

Seria, portanto, o lugar perfeito para que Eliyahu buscasse não somente asilo político-religioso contra aqueles que tramavam para tirar sua vida, como também uma orientação da parte do próprio Eterno.

Observe ainda que, mais adiante no versículo 11, a Escritura nos informa que o Eterno solicita a Eliyahu que saísse da caverna e se pusesse, no próprio monte Horeb, perante Ele!

Em outras palavras, o texto dá claros indícios de que a região permanecia ativa e sagrada, mesmo durante o tempo em que o Templo estava de pé, em Moriá.

Isso era plenamente possível porque a *misvá* (mandamento) da Torá que centralizou as atividades do culto ao Eterno em Yerushalayim foi dada ao povo de Israel, com relação ao território israelita.

Em momento algum os monoteístas midianitas que habitavam na região do Horeb foram instruídos a abdicarem do culto. O mandamento dado a Israel não tinha como propósito estabelecer Yerushalayim como único local de adoração possível à humanidade, mas sim estabelecer um centro nacional de adoração, para, dentre outras coisas, criar no povo um sentimento de unidade.

Embora Jz. 1:16 nos informe que o sogro de Moshé e sua prole foram habitar entre os israelitas, certamente, pelo exposto acima, o centro monoteísta permaneceu em Midiã após isso, possivelmente nas mãos de outros sacerdotes.

O mais provável é que esses monoteístas midianitas não estivessem dentre aqueles que foram mortos na guerra ocorrida em Nm. 31, haja vista que a motivação da guerra tinha sido justamente a idolatria.

Naquele ponto, ocorrido cerca de 40 anos depois, esses monoteístas midianitas já seriam minoria, e sua importância para Midian já teria sido reduzida.

Isso é confirmado pelo registro do Sefer Shofetim (Livro de Juízes), que diz:

“Porém os filhos de Israel fizeram o que era mau aos olhos de ADONAY; e ADONAY os deu nas mãos dos midianitas por sete anos.” (Shofetim/Juízes 6:1)

Os midianitas monoteístas não só compreendiam como judaram no estabelecimento dos israelitas enquanto nação, ao contrário do que aqui aparece, em que a nação se tornou inimiga de Israel.

Esse é o último momento em que algum dado histórico sobre Midiã é mencionado.

Ao que tudo indica, contudo, o culto dos monoteístas midianitas cessou em algum momento, durante as incursões dos impérios locais, tais como a Assíria, a Babilônia ou os Selêucidas.

XIII - Achados Arqueológicos

Para confirmar essa fascinante história do monoteísmo midianita, algumas imagens do que permeneceu arqueologicamente do culto midianita.

Ao contrário do que é representado em filmes e desenhos, o monte onde Moshé subiu para receber as tábuas da Torá estava muito longe de ser vazio.

Teria Moshé permanecido em algum acampamento durante os dias em que esteve no Sinai? A Torá nada revela sobre isso, deixando a cargo da interpretação pessoal.

Abaixo, imagem da descoberta arqueológica mencionada pelo Dr. Knohl, que descreve a região de Midiã como a “terra dos peregrinos de YHW”, encontrada no Templo de Amun, no Sudão, e decodificada por Gerard Gertoux, acadêmico da Association Biblique de Recherche d’Anciens Manuscrits:



A associação disso aos destroços do templo de Hathor indicam que, de fato, dentre os midianitas houve monoteísmo centrado na figura do Eterno.

Em dado momento, esse monoteísmo teria sido importante o suficiente para causar furor na sociedade midianita contra os deuses egípcios.

No artigo "**Searching for Biblical Mt. Sinai**", a revista Bible Archaeology Society, indica o monte hoje denominado como Har Karkom, no deserto do Neguev, como sendo o mais provável local do Sinai.

Se isso for confirmado, será de grande relevância, pois há inúmeros indícios do culto midianita no local, que aqui serão exemplificados através de algumas imagens.

Abaixo, as ruínas de um santuário midianita:



À esquerda, ruínas do que poderia ser um local para lavagem cerimonial das mãos, ou talvez dos pés. À direita, a representação de dois homens se prostrando em adoração, ou erguendo suas mãos. Para muitos arqueólogos, indicativo de que a região era, de fato, um local de culto. No centro, uma vala para sacrifícios de animais.



Dentre as descobertas, a que mais intriga os arqueólogos certamente é a imagem abaixo:



Parecendo a junção de duas tábuas, aparece com exatamente dez divisões. Seria essa uma representação dos Dez Ditos, também conhecidos equivocadamente como Dez Mandamentos?

Estaria a imagem acima marcando o ponto exato no qual Moshé recebeu do Eterno as tábuas da aliança? A semelhança temática é demasiado próxima para se supor que não sejam.

Embora seja muito difícil reconstruir a história do local milênios atrás por meio dos achados arqueológicos, há centenas de imagens como essas indicando os achados da região, sem qualquer sombra de dúvida, que esse local foi palco de um culto religioso.

Mesmo se alguém fosse ignorar os registros bíblicos, ainda assim permanece inegável o desenvolvimento monoteísta anti-idolatria da região de Midiã.

XIV - Conclusão

Como se pode perceber, a Torá aponta para uma história fascinante sobre o papel de Midiã na função de representante da tradição abraâmica monoteísta. História essa é confirmada pela história e pela arqueologia.

Essa história em nada desmerece, nem minimiza, o colossal papel desempenhado por Israel para transmitir ao mundo o verdadeiro Monoteísmo.

No entanto, permite também compreender que o foco do Tanakh (Bíblia Hebraica) é em Israel porque, antes de tudo, um registro nacional, que não se ocupa da história e do desenvolvimento das nações adjacentes, exceto quando em dados momentos essas aparecem ligadas à própria história de Israel.

Nem por isso, contudo, esses papéis são menos importantes. Quem sabe o ato de observar o papel crucial que Midiã teve na preservação e transmissão da tradição do monoteísmo abraâmico pode contribuir para compreender o papel fundamental de outras

peças e até mesmo povos na história de Israel, e assim diminuir a xenofobia que é fruto dos séculos de perseguição ao povo judeu?

Ou talvez sirva para mostrar o quão ingênua e pueril é a questão levantada por grupos que tentam usurpar o papel do povo judeu ao apontar esta ou aquela montanha como a verdadeira “Casa do Senhor”, como se para o Eterno isso fosse uma questão importante.

Fato é que o Eterno sempre se fez disponível, como ainda se faz, para todo aquele que o busca, e que deseja servi-Lo.

A continuidade do Sinai como local sagrado, bem como o sacerdócio externo a Israel, que em dado momento serviram até mesmo de refúgio para um dos principais profetas do povo judeu, também apontam para algo importante: A intenção do Eterno para com Israel jamais foi exclusivista.

Por exemplo, os mandamentos quanto ao estabelecimento de um sacerdócio, e de um local central de culto não anularam qualquer tipo de prática semelhante existente nos povos adjacentes.

Curiosamente, o principal objetivo do Eterno para Israel é que essa se torne uma nação-modelo. Mas, ainda assim, em dado momento, o próprio povo de Israel precisou de um modelo, quando sua própria prática monoteísta foi prejudicada por muitos anos de cativeiro egípcio.

Muito mais do que servir de curiosidade bíblica, que esta história trazida pela Torá possa nos ajudar a compreender a dimensão dos planos do Eterno para todos os seres humanos.